

UMA EXPERIÊNCIA DE PÓS-ALFABETIZAÇÃO COM ADOLESCENTES CARENTES NA PERIFÉRIA URBANA DE FORTALEZA *

Maria Lúcia Lopes Dallago

1. INTRODUÇÃO

O planejamento desta experiência foi orientado no sentido de se colocar o adolescente marginalizado do sistema regular de ensino frente a uma situação pedagógica integradora buscando minimizar a distância cultural que existe entre o mundo social apresentado pela "escola" e aquele com o qual, efetivamente, convive o adolescente das periferias urbanas. A esse respeito, reconhece-se hoje com freqüência que a extensão da escola à população "excluída" tem se efetivado seguindo os mesmos moldes de currículo e de organização planejados para a clientela tradicional do sistema educativo: as camadas médias urbanas. Obviamente, e como diz Tedesco (1983), o fato de se assinalar este aspecto não implica em desconhecer o peso das variáveis extra-escolares na determinação do rendimento educativo senão enfatizar a forma específica através da qual o sistema educativo reforça o efeito das variáveis externas. Essa análise tem levado à conclusão de que a oferta escolar, com aquelas características, permite que uma das experiências de aprendizagem mais significativas que realizam os alunos seja a do fracasso escolar.

* PARTICIPARAM DA EXPERIÊNCIA: Maria Lúcia Lopes Dallago — Coordenadora Geral da Pesquisa; Maria Hercília Mota Coelho — Pesquisadora de campo; Adil Dallago — Supervisor do Estágio de Orientação Educacional; Maria de Fátima R. Mota, Maria Aurinete Barbosa — estagiárias de Pedagogia; Francisca de Assis Ribeiro Silva, Marta Maria Amora, Maria das Graças Tavares e Silva, Lúcia de Fátima Nascimento Ferreira — Estagiárias de Orientação Educacional; Selma Suely de Freitas Monteiro — Estagiária de Enfermagem.

O problema se constitui, então, em incorporar esse grupo social ao âmbito da escola cuja significação passa a acontecer na medida em que consiga resgatar essas crianças do analfabetismo e da marginalidade.

2. RESULTADOS PRELIMINARES

2.1 — *A oferta escolar e a clientela específica de 11 a 14 anos, na área do Projeto*

A abordagem específica dada neste Projeto aos pré-adolescentes (11 a 14 anos) impõe uma explicação que, para muitos, já é conhecida. Trata-se da delimitação da matrícula inicial para crianças entre 7 e 10 anos, ficando por isso excluídos os que até aquele limite final, não tenham se alfabetizado. Por não estar configurada nos parâmetros do sistema supletivo, essa população permanece à margem do sistema educacional. Tem-se, portanto, como conseqüência de uma ineficiência básica do sistema escolar brasileiro, a existência de um enorme contingente de pré-adolescentes fora do alcance da escola. Esse fenômeno aparece mesmo nas regiões economicamente mais desenvolvidas (em torno de 3% a 4% da população de 14 anos; 1970). Estimativas no município de Fortaleza (Censo, 1980 — FIBGE) indicam que 101.972 crianças de 7 a 14 anos ainda não foram alfabetizadas.

O acesso à escola é, ademais, afetado pela delimitação da rede física a qual determinou a área geográfica que cada estabelecimento deve necessariamente atender.

Além dos limites aqui explicitados, sabe-se que a questão dos "excluídos" do sistema escolar inclui o problema da evasão, ou seja, o abandono precoce da escola pela criança, antes mesmo de se alfabetizar. A análise dessa questão aliada, muitas vezes, à do fracasso escolar, tem revelado a seletividade do sistema educacional brasileiro. Tanto os estudos focalizando as variáveis intra-escolares, como os mais recentes que abordam influências extra-escolares têm provocado ampla discussão das funções escolares dentro do plano de democratização do ensino.

A partir dessas considerações impôs-se como primeira necessidade para a implantação da nossa experiência com pré-adolescentes, o conhecimento da oferta escolar nos limites próximos da comunidade João Paulo II (mais conhecida como favela do Papoco). Constatou-se, nesse particular, que das 30 escolas (particulares e públicas) da zona aludida, 4 se locali-

zam mais próximas a essa comunidade e, até o início dessa experiência não ofereciam condições para a inclusão da clientela específica a que alude o presente Projeto.

Através de um diagnóstico realizado entre os moradores da comunidade revelou-se, no conjunto da população amostrada ser elevado o percentual de pré-adolescentes (17%) sem escolaridade. Desse modo, pode-se constatar que, apesar da existência de várias escolas na zona próxima à comunidade João Paulo II, a seletividade que se processa de diferentes maneiras deixa à margem da escolarização esse segmento da população o qual se tornou objeto do presente estudo.

2.2 — *A Metodologia do Trabalho*

A experiência a ser desenvolvida com 23 adolescentes durante o ano letivo 1983 daria continuidade a uma intervenção pedagógica que se iniciara no ano anterior a qual não chegaria a resultados mais positivos caso fosse suspensa no final daquele ano.

Adotando como proposta básica o desenvolvimento de uma educação libertadora, a experiência pretendia a formação de uma consciência social nos adolescentes através do conhecimento crítico da realidade. Os resultados, porém, foram bastante imprecisos razão porque se decidiu pela continuidade dos trabalhos no que passou a se chamar "Experiência de Pós-Alfabetização de Adolescentes de 11 a 15 anos" com duração prevista até dezembro de 1983.

Dando continuidade, pois, ao processo de alfabetização que já se iniciara, foram propostos os seguintes objetivos para o presente ano:

- Desenvolver, através de discussões críticas, um nível de conscientização social que se expressasse com relação a diferentes áreas: da escola, da família e da comunidade.

- Oferecer atendimento individualizado para reforço de aprendizagem aos alunos que fossem diagnosticados como tendo dificuldades específicas na leitura e/ou na escrita.

- Promover ações, no âmbito escolar, voltadas para a melhoria da saúde e higiene dos adolescentes.

- Despertar nos adolescentes uma visão crítica em relação aos problemas de saúde existentes na comunidade.

- Manter contatos freqüentes com os Pais visando integrar a família na problemática do adolescente.

O trabalho com os alunos se desenvolve na Escola de 1.º grau José Bonifácio no horário das 17 às 19 h, de 2.ª a 6.ª-feira e o prosseguiu, até o momento, conforme a descrição seguinte:

Foi feito, inicialmente, um diagnóstico dos alunos nas habilidades de leitura e escrita a fim de serem detectados os casos que iriam merecer atendimento especial. Do total de 23 alunos, 12 revelaram dificuldades sendo programado o atendimento em dias alternados, para alguns, e contínuo para aqueles com dificuldades mais graves.

Paralelamente a essa avaliação pedagógica foi feito um levantamento de dificuldades de natureza sócio-afetiva, através de entrevistas. Daí resultarem alguns estudos de caso envolvendo, inclusive, a família. Nesses casos, foram feitas visitas domiciliares, oportunidade em que se coletaram dados relevantes ao encaminhamento do problema do aluno.

O processo de aprendizagem de leitura e escrita procurou fugir aos métodos de escolarização convencionais que trabalham um saber neutro, pré-fabricado e, conseqüentemente, imposto. Seguiu, por isso, utilizando o repertório de experiências do próprio aluno através da sua fala. As situações de vida do grupo de adolescentes eram expressas e representadas em frases, cartazes ou faixas. Estórias narradas pelos próprios alunos eram reproduzidas e sobre elas se desenvolveram as discussões em grupo. Assuntos como trabalho — desemprego, as atividades desenvolvidas na própria escola, as datas cívicas, surgiram como núcleo gerador de questões ligadas à vida as quais procuravam atingir, ao mesmo tempo, os determinantes sociais das condições da mesma.

O conhecimento e a ampliação da realidade foram visados através de excursões a locais que pudessem facilitar o atingimento desse objetivo. Visitas a jornais, supermercados, indústrias e áreas de lazer fizeram parte da programação feita com aquele objetivo.

A orientação pedagógica dos trabalhos se fez diretamente através de uma estagiária do Curso de Pedagogia, com os aspectos de Saúde e Higiene a cargo de uma estagiária de Enfermagem. O grupo era assistido por uma equipe de estagiárias da área de Orientação Educacional, sob a supervisão de um professor da mesma área, pertencente ao Departamento de Educação.

2.3 — Dados sobre a clientela do Projeto

O grupo de alunos se constitui de 12 adolescentes do sexo masculino e 11 do sexo feminino, com a faixa de idade variando entre 11 e 15 anos ($X = 13$ anos).

Foram observados 7 casos de alunos que trabalham fora de casa, como verdureiro (1), limpador de carro (1), na venda de confecções (2), confecção de saco de papel (2) e servente de pedreiro (1).

A informação sobre o trabalho, tal como foi captada, se mostra incompleta por não configurar a situação daqueles que participam de trabalhos domésticos, dentro ou fora do âmbito da família.

Nesse grupo, o trabalho, de natureza quase sempre intermitente, impõe uma sistemática escolar que se adapta às ausências freqüentes do aluno, garantindo uma seqüenciação de aprendizagem a nível individual. Reconhecendo a necessidade da participação direta do menor carente para o orçamento doméstico (a renda diária, nesse grupo, variando de Cr\$ 100,00 a Cr\$ 1.500,00), tem-se procurado englobar essa realidade na própria forma de organização das experiências circulares. Em resposta a essa orientação voltada para o cotidiano do aluno, tem sido observado um baixo índice de evasão (apenas 3 alunos no 1.º semestre de 83).

Com relação ao quadro familiar observou-se que a maioria (19) dos alunos vive com a família, das quais 5 contam apenas com a mãe como figura permanente. A renda familiar alcança apenas o salário-mínimo na maioria, sendo que 5 famílias declararam uma renda superior a esse limite.

A análise da situação escolar feita até o presente momento, revela um desempenho melhor na expressão oral em comparação com a expressão escrita, a maioria (15) se situando num nível de desempenho fraco ou apenas regular.

A descrição feita acima, ainda incompleta, revela uma preocupação de partir, nessa experiência, da situação real do aluno propondo-se conhecer, além disso, o que ele pensa acerca da escola, família, trabalho, lazer, direitos e deveres da pessoa a fim de se dimensionar os avanços já feitos no plano da conscientização.

2.4 — Aspectos da conscientização social captados nas verbalizações dos adolescentes

Para a exploração do aspecto de conscientização, expresso como um dos objetivos do trabalho com o grupo, foram formuladas questões com base nos temas que animaram as discussões nas aulas.

As questões formuladas procuravam captar manifestações de um esforço crítico de desenvolvimento da realidade. Nessa

condição, o próprio sujeito substituiria a *compreensão mágica da realidade* por uma *captação cada vez mais crítica* e, assim, alcançaria *formas de ação* também críticas.

Percebe-se, dessa breve colocação, a dificuldade de se avaliar o progresso que possa ter tido (até o momento) essa experiência no tocante à tomada de consciência. Mesmo utilizando uma análise qualitativa do material das entrevistas assumo-se o risco da interferência da subjetividade dos que fazem a análise tendo em vista os vieses das relações já formuladas com o grupo.

Pretende-se para o final da experiência proceder à análise através de "juízes" minimizando-se o fator subjetivismo. Tentar-se-á, além disso, fazer comparações entre-grupos já que se dispõe de condições para isso.

Para o momento e mais em caráter exploratório, foi feita a análise das respostas de 16 sujeitos tomando-se como referencial a existência de dois "estudos de consciência" definidos conforme Paulo Freire em: 1.º) Consciência intransitiva "ou consciência real" e 2.º) Consciência transitiva — crítica (ou "consciência" o máximo possível).

Em estudo congênere desenvolvido por Van der Poel (1981), foi construído um esquema o qual visava facilitar a análise dos dados das entrevistas. Reconhecendo, embora, o caráter tentativo de que se reveste essa forma de avaliação em estudos dessa natureza, o referido esquema (apresentado a seguir), mostra-se útil dentro dos limites da presente avaliação.

I	II	III
Consciência Intransitiva	Consciência Transitiva — Ingênua	Consciência Transitiva — Crítica
— Aceitação da realidade	— Simplicidade na interpretação dos problemas	— Integração com a realidade
— Descrença na mudança pessoal	— Fragilidade na argumentação	— Responsabilidade social e política
— Acomodação, adaptação e submissão	— Domínio da emocionalidade	— Receptividade ao novo
— Limitação de sua esfera de apreensão	— Abertura aos estímulos	— Segurança na argumentação em forma de diálogo
— Existência meramente vegetativa	— Despertar p/relação causa/efeito	— Nova atitude frente ao mundo
— Passividade	— Angústia e inquietação	— Engajamento na transformação

A avaliação que se faz no momento é, pois, de caráter provisório revestindo um caráter global por focalizar o grupo como um todo. De cada tema foram escolhidas apenas as questões que ofereciam maior riqueza de análise.

O processo consistiu em tentar enquadrar as diversas respostas dentro dos critérios que correspondem a nível I ou II da conscientização, somando o total dos resultados, dividindo pelo número das questões de maneira a obter o nível de conscientização revelado pelos 16 participantes entrevistados. O resultado final corresponderá à média dos resultados parciais.

Os dados revelam o seguinte:

	Níveis de Conscientização	
	I	II
	Frequência absoluta	Frequência absoluta
ESTUDO	(34) 8,5	(31) 7,5
Perg. 1, 2, 3, 5		
TRABALHO	(27) 9,0	(01) —
questões 1, 4, 5		
FAMÍLIA		
questões 3, 4, 5	(24) 8,0	(04) 1,0
DIREITO/DEVERES	(18) 6,0	(30) 10,0
questões 1, 4, 5		

Alguns comentários podem ser feitos com base nesses dados, embora ressaltando seu caráter exploratório.

Com relação ao tema "Estudo" pode-se observar que quase a metade dos sujeitos apresenta respostas reveladoras de um início de consciência das relações de causa — e — efeito (estudar para arranjar emprego, para tirar documentos, etc.), de uma abertura para a responsabilidade social (saber participar de discussões com o professor e com outras pessoas, ter cuidado com as carteiras e respeitar a "tia"). Em contraposição, existem aqueles cujas respostas se configuram mais no plano da emocionalidade, correspondendo a escola mais a uma necessidade pessoal (vir para a escola é uma obrigação "porque é para seu próprio bem", etc.).

A ausência de seus pares na escola foi explicada por alguns como decorrente de motivações pessoais ("porque não querem estudar") enquanto os de nível de conscientização mais avançado argumentavam com razões de trabalho e até mesmo com o fato de estarem "fora de faixa".

Muitas respostas referentes ao tema "trabalho" não puderam ser enquadradas nos critérios da presente investigação

visto representarem situações de desemprego e abandono do lar pelos pais. O que se torna mais evidente é a predominância quase absoluta de respostas consideradas no nível I de conscientização pela aceitação da realidade, com apenas uma resposta colocando o ganho insuficiente do pai como dependendo da oscilação da oferta. Talvez a própria formulação das questões tenha limitado a forma de interpretação adotada pelo informante. Os dados sugerem, no entanto, uma maior necessidade de integração da experiência que se faz, com a realidade de trabalho.

O tema seguinte referia-se à "Família". Revelou-se imediatamente, pelo exame dos dados a ausência freqüente do abandono da família pelo pai. Em apenas 3 casos mencionou-se o sentido de ajuda e responsabilidade do pai em prover as necessidades da família. Além disso, essa responsabilidade foi expressa quase sempre em termos apenas financeiros, sendo poucos os que reconheceram a função de ajuda e de organização. Observa-se no discurso desses adolescentes, a valorização da figura materna. "A mãe conversa com a gente e dá conselhos. Quanto ao dinheiro sou eu" (F. C., 15 anos).

De certa forma, os vínculos familiares são reconhecidos, apesar dos conflitos e tensões que podem ser depreendidos a partir de determinadas expressões quando se referem, por exemplo, ao abandono da família pelo pai.

Finalmente, em relação a Direitos e Deveres, 9 adolescentes souberam reconhecer problemas que dizem respeito a toda a comunidade e como foram solucionados: problema da lama, controle do chafariz, etc.

A definição de "autoridade" foi confundida com poder arbitrário, na maioria das declarações, enquanto apenas 2 incluíram o aspecto de ajuda pelas autoridades. Em 4 declarações autoridade se confunde com polícia: "É a polícia. Eles vigiam e pegam ladrão e prendem" (J. B., 13 anos). Uma resposta se evidenciou por seu caráter depreciativo: "Autoridade só faz mais é 'lascar' o pessoal" (H. S. M., 14 anos).

O sentido da ajuda mútua pode ser captado nas afirmações de 10 adolescentes. É como se expressa C. A., 14 anos: "se formar um grupo, também pode se conseguir muita coisa". Os mesmos sujeitos têm conhecimento da ação educativa do Projeto Uruguaiana que reúne as famílias visando o desenvolvimento de organização diante das dificuldades que enfrentam.

A forma utilizada, nesse primeiro momento, para se avaliar a consciência crítica revelou-se insuficiente devendo-se

por isso recorrer a outras alternativas metodológicas, ao final da experiência. O acompanhamento ou monitoria de alguns alunos no decorrer do seu cotidiano poderia, ser talvez, uma abordagem metodológica recomendável.

Na realidade, as tendências reveladas nessa exploração dos dados apontam para a importância da escola por essa clientela que se tornou "especial" por conta da própria seletividade do sistema escolar tal como se acha organizado.

A questão do ensino para esse grupo social específico na verdade parece girar em torno da oposição a uma alfabetização crítica vinculada aos problemas reais de trabalho e de sobrevivência familiar em que vivem absorvidos jovens adolescentes dessa imensa faixa da população brasileira.

2.5 — Formas concretas de participação dos alunos e da família no processo educativo

Algumas atividades têm sido desenvolvidas buscando um engajamento maior entre alunos, pais e coordenadores dessa experiência no processo educativo.

O dia das mães, por exemplo, teve como objetivo principal desmistificar a função comercial dessa data e estimular a relação afetiva entre mãe e filho. Com tal intuito, os adolescentes confeccionaram umas flores e cartões de papel cartolina e apresentaram números valorizando o trabalho incansável de suas mães para manter o equilíbrio nos seus lares.

O comprometimento dos pais no processo educativo tem-se revelado de uma forma mais clara, nas discussões surgidas nos encontros das quartas-feiras (quinzenalmente). Algumas questões têm merecido interesse dos pais como é o caso de educação rural; e de como manter a segurança de seus filhos entre a escola e seus lares sem correrem riscos de agressões por parte de marginais. Em busca de uma solução para esse caso, é que os pais estão organizando uma espécie de rodízio. Cada semana uma mãe apanha, na escola, os adolescentes próximos às suas casas.

Os adolescentes também têm procurado participar de uma associação de jovens organizada recentemente no Projeto Uruguaiana. Sabe-se que seu número, até o presente momento, tem sido pouco expressivo. Espera-se, no entanto, que esse número ganhe expressividade a partir do momento em que o adolescentes identificarem os seus interesses com os interesses desses jovens.

3. A CONTINUIDADE DA EXPERIÊNCIA ATÉ DEZEMBRO 83

É pensamento daqueles que participam dessa experiência de alfabetização e pós-alfabetização identificar problemas relativos a essa população para que em conjunto com esses educandos, sejam encontradas formas concretas de atuação para uma possível melhoria de condições de vida.

Os questionários para medir o nível de conscientização do grupo foram aplicados visando tal perspectiva. O primeiro passo a ser dado no próximo semestre será o de devolver aos adolescentes os questionários e tentar uma reelaboração dos mesmos, a partir das sugestões dadas pelo grupo.

Será preparada em conjunto com a estagiária de saúde uma cartilha ilustrada pelos adolescentes abordando questões relativas a higiene do corpo e do meio em que eles vivem, e questões relativas à sexualidade.

Com o mesmo grupo será colocada em prática a idéia da elaboração de um jornalzinho levantando questões relativas às condições de vida dessa população. Esse jornalzinho (elaborado, inicialmente com formulação de frases e pequenos parágrafos) será distribuído entre os adolescentes da comunidade e seus pais: essa proposta visa gerar discussões nos encontros de pais, problematizando suas condições existenciais de vida.

Será elaborada, ainda, uma cartilha de saúde cujos textos já estão sendo redigidos desde o início das atividades de 83.

BIBLIOGRAFIA

- FREIRE, Paulo — *Educação como prática da liberdade*. 8.^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- FUKUI, Lia et alii. *Escolarização e sociedade; um estudo dos excluídos da escola, educação e sociedade*. Janeiro, 1982.
- ROMA, Germán W. (Coord.). *Mudanças educacionais na América Latina*. Fortaleza, UFC, 1983.
- POEL, Salette van der. *Alfabetização de Adultos*. Petrópolis, Vozes, 1981.